



VOL. 5 | N. 10 | JUL/DEZ DE 2019 | ISSN 2359-4489

# CATOLICISMO, PODER E SOCIEDADE



FACES DE CLIO

# O cinema polonês nos trilhos da História

---

As 200 crianças do Doutor Kroczac de Andrej Wajda

*Geovano Moreira Chaves*

[Doutor em História pela UFMG, Pós-Doutorando em História pela UFGD, Professor de História no IFMS. E-mail: [geovanochaves@gmail.com](mailto:geovanochaves@gmail.com)]

**Resumo:** As afinidades entre política e religião permitem múltiplos olhares, sendo o cinema um importante meio pelo qual estas relações se manifestam. Neste sentido, este trabalho procura refletir acerca dos aspectos do antissemitismo no território polonês no período que antecede a Shoah, para em seguida destacar as relações entre a racionalização da modernidade e a Shoah no contexto polonês e por fim analisar a obra “As 200 crianças do Doutor Korczac”, de modo que este filme possa exemplificar por meio de representações imagéticas alguns “trilhos” da história da Polônia.

**Palavras-chave:** História, Cinema Polonês, Andrej Wajda.

## The polish cinema in the history rails

---

Subtítulo em inglês (tamanho 13) The 200 children of doctor Korczac of Andrej Wajda

**Abstract:** The affinities between politics and religion allow multiple glances, with cinema being an important means by which these relations are manifested. In this sense, this work seeks to reflect on the aspects of anti-Semitism in Polish territory in the period before the Holocaust, and then to highlight the relations between the rationalization of modernity and the Holocaust in the Polish context and finally to analyze the work "The 200 children of the Doctor Korczac ", so that this film can exemplify by means of representations some " rails "of the history of Poland.

**Keywords:** History, Polish Cinema, Andrej Wajda.

A Shoah pode ser considerada uma das experiências mais traumáticas da humanidade, especialmente por nos fazer refletir sobre a condição humana em situações onde as experiências políticas e religiosas são marcadas por aspectos étnicos e identitários em conflito. Acontecimento por demais complexo e atroz, a Shoah é um furo narcisístico no sentimento daqueles que cultuaram ou ainda cultuam a modernidade como a promotora do progresso que resultaria exclusivamente na felicidade humana como fim alcançado mediante desenvolvimento técnico-científico.

Via cinema e história, neste trabalho pretendemos refletir sobre uma pequena passagem de um fenômeno tão cruel por meio de um gesto político de resistência humanista por meio do uso de identidade religiosa específica, a saber, a tentativa de um pedagogo de salvar 200 crianças judias da morte sádica. Este gesto foi representado pelo cineasta polonês Andrzej Wajda em um de seus filmes mais notáveis.

Procuraremos a princípio exemplificar argumentos que podem ampliar a nossa noção sobre as relações entre religião e política, mais precisamente entre judeus e a sociedade polonesa não judia em alguns momentos específicos do percurso histórico dos acontecimentos no contexto que antecedeu a II Guerra Mundial e a Shoah, para depois analisarmos a situação dos judeus poloneses durante a ocupação nazista na Polônia em sua relação com o projeto de modernidade racionalizada e por fim refletirmos sobre os fatos ilustrados pelo filme sobre orfanato do Doutor Korczak, assim como o confinamento no gueto e a política de extermínio étnico nos campos de concentração por parte dos nazistas, que levaram o pedagogo a salvar centenas de crianças, mesmo que por meio do delírio de uma fuga surreal, tomando como base a obra “As 200 crianças do Doutor Korczak” de Andrzej Wajda e as representações imagéticas que este filme oferece.

### **Aspectos do antissemitismo em território polonês no período anterior ao século XX**

A Polônia se tornou no século XX um dos países do mundo com o maior contingente de judeus. Elucidaremos a princípio alguns discursos que procuram justificar os motivos que teriam levado os judeus a viverem em massa no território polaco.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Um destes argumentos se faz presente no filme “A lista de Schindler”, de Steven Spielberg, quando em uma cena um general nazista apresenta um argumento para tal fato. Segundo o nazista, os judeus teriam começado a ocupar a cidade de Cracóvia no final da Idade Média, fugindo das Cruzadas, uma vez que o Papa católico do período teria sido conivente e autorizado à ocupação. O general nazista anuncia então que estes 600 anos de ocupação judaica na cidade de Cracóvia seriam esquecidos, uma vez que os judeus seriam exterminados.

Neste sentido, Alcibíades Miguel apresenta o argumento de que a Polônia, a partir da constituição da chamada “Comunidade dos Iguais” (Szlachta) em 1505, abraçou uma concepção de Estado mais aberta, que configurou um polo de atração para os judeus, já nesta época perseguidos em boa parte da Europa cristã. O autor também comenta que a decadência da “Comunidade dos Iguais” – consolidada em 1795 com a extinção da Polônia, que foi dividida entre Rússia, Áustria e Alemanha –, depois de múltiplas invasões e crises político-econômicas, precipitou os primeiros massacres e perseguições aos judeus por invasores cossacos em território polonês.<sup>2</sup>

No que se refere à convivência entre poloneses e judeus neste contexto, o autor informa que os poloneses atribuíram também aos judeus estereótipos de “dominadores”, aqueles que visavam estender seus domínios pela Polônia para transformá-la em um “paraíso dos judeus”. No entanto, a opressão a que se viam submetidos acabaram de certa forma também aproximando-os dos judeus, ou seja, se sentiam tão perseguidos quanto e este fato era um elemento que atribuíam a judeus poloneses e a poloneses não judeus uma certa identidade em comum, fato este que provavelmente possibilitou a convivência, mesmo por vezes conflituosa.<sup>3</sup>

Encontramos também nos argumentos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman algumas considerações sobre a convivência dos judeus na Polônia antes da fatídica Shoah. Baseando-se no trabalho de Ana Zuk, o sociólogo procurou compreender as origens do antissemitismo na Polônia visando analisar a Shoah como um fenômeno indissociável da racionalização burocrática da modernidade. Para justificar sua argumentação, Bauman faz referência ao século XVIII, período este em que os judeus poloneses eram em geral empregados da nobreza e de pequenos fidalgos, responsáveis por executarem todo tipo de funções públicas altamente impopulares que a nobreza fundiária requeria, como a coleta de rendas e a administração da produção dos camponeses, atuando como verdadeiros escudos da nobreza, fato este que, em termos psicossociais, faziam com que os judeus fossem vistos com maus olhos pelos camponeses.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> MIGUEL, Alcibíades Diniz. Visões do Inferno Histórico: a “trilogia da guerra de Wajda”. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Vol. 1, nº 1, Outubro de 2007, ISSN 1982-3053. <<http://www.ufmg.br/nej/am/modules/content/index.php?id=10>>. Consultado em 06/02/2019.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. De Marcus Penchel – Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.63.

Os judeus neste contexto eram vistos por seus senhores como incivilizados, sujos, ignorantes e avaros, mantidos a distância e tratados com aversão e desprezo social e cultural. Por outro lado, eram vistos pelos camponeses como inimigos, espécie de escudos protetores da nobreza, uma vez que os judeus eram os únicos exploradores dos camponeses que eles conheciam pessoalmente, ou seja, os judeus despertavam-lhe a fúria imediata sobretudo por serem intermediadores da cobrança de impostos exigida pela nobreza. Deste modo, Zygmunt Bauman salienta que os judeus “se tornaram alvo de dois antagonismos mutuamente opostos e contraditórios.”<sup>5</sup> E a herança de tal fato pode explicar em partes os motivos de tanta indiferença ou mesmo agressividade de boa parte da população polonesa para com os judeus durante a ocupação nazista.

A Polônia foi uma nação que, de 1795 a 1918, viu-se riscada do mapa pelas potências do momento e acumulou sobre si uma quantidade excepcionalmente elevada de atrocidades em suas diversas tentativas de efetivar seu direito à existência independente, novamente de acordo com Alcebíades Miguel.<sup>6</sup> No entanto, foi no século XX, após um curto período como nação independente, que a Polônia, sob jugo alemão, tornou-se o "pior território da Terra", conforme avaliação realizada pelos Aliados, durante os grandes julgamentos de criminosos de guerras nazistas, logo após o final da Segunda Guerra Mundial.<sup>7</sup>

Uma vasta porção do território polonês foi anexada pela Alemanha. O restante transformou-se no temível “Governo Geral”, controlado diretamente por autoridades alemãs. Para a filosofia racial-nacional-socialista, poloneses e outros povos eslavos eram raças inferiores, próprias para uma vida de escravidão, apenas alguns degraus acima da “anti-raça” par excellence, os judeus. Após ter sido palco e pano de fundo da Shoah, a Polônia foi, logo depois da guerra, ocupada por tropas soviéticas que colocaram no poder sucessivos líderes alinhados ao modelo soviético de comunismo, muito embora, ao final dessa dominação, pretendessem utilizar como armas o nacionalismo e uma dúbia posição diante do poderio da Igreja. O espectro de uma nova e destrutiva invasão, de todo modo, mantinha a Polónia estritamente alinhada a URSS, e deste alinhamento, surgem as principais tensões que

---

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. De Marcus Penchel – Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.63.

<sup>6</sup> MIGUEL, Alcibíades Diniz. Visões do Inferno Histórico: a “trilogia da guerra de Wajda”. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Vol. 1, nº 1, Outubro de 2007, ISSN 1982-3053. <<http://www.ufmg.br/nej/am/modules/content/index.php?id=10>>. Consultado em 06/02/2019.

<sup>7</sup> Idem.

marcaram a obra dos cineastas poloneses que produziram seus filmes neste período, entre eles, Alexander Ford, Andrzej Munk, Wanda Jakubowska e Andrzej Wajda.

De acordo com Luiz Nazário, somente no imediato pós-guerra, com a abertura dos campos e seus registros fotográficos e cinematográficos, reportagens e testemunhos, é que se pode perceber todo o abismo que os nazistas haviam cavado.<sup>8</sup>

### **A Modernidade e Holocausto: representação cinematográfica do Gueto de Varsóvia e do confinamento dos judeus**

A população judaica de Varsóvia, após a ocupação alemã no contexto da II Guerra Mundial em 1939, foi isolada e confinada num gueto. Este gueto foi estabelecido em 16 de outubro de 1940, por Hans Frank, Governador-Geral alemão da Polônia. A população do gueto atingiu um montante de 380.000 pessoas, cerca de 30% da população de Varsóvia, enquanto seu tamanho ocupava apenas 2,4% do território da cidade. Os judeus de toda a cidade foram obrigados a deslocar-se para esse setor, e no filme, há a representação de uma cena que ilustra o deslocamento de Doutor Korczac e das crianças sob vigilância e violência nazista para o gueto. Por meio de um muro, os nazistas fecharam o acesso ao “Gueto de Varsóvia” (nome pelo qual ficou conhecido este sinistro local), do resto da cidade em 16 de Novembro de 1940, isolando os judeus do restante da população.<sup>9</sup> No filme de Wajda notamos algumas cenas de crianças tentando pular este muro e escapar do gueto.

Durante o ano e meio seguinte, judeus de cidades e vilas menores também foram trazidos forçosamente para o gueto, enquanto a fome e doenças como o tifo já assolavam a população que lá já estava confinada. Para se ter uma ideia dos abusos nazistas em relação aos judeus do gueto, Ana Szpiczkowski salienta que em Varsóvia as rações para judeus eram oficialmente limitadas a apenas 184 calorias por dia, ao contrário das 1800 para poloneses e 2400 para alemães<sup>10</sup>, fato este também representado por Andrzej Wajda no filme.

Após sofrerem todos os tipos de abusos e maus tratos, como se não bastassem, em 22 de julho de 1942, os habitantes do gueto foram expulsos em massa para os campos de extermínio

<sup>8</sup> NAZARIO, Luiz. As narrativas pioneiras do Holocausto. *Revista Maaravi*, nº3: Kabbalah, Belo Horizonte, setembro de 2008. Em: <<http://www.ufmg.br/nej/am/modules/content/index.php?id=140>>. ISSN: 1982-3053.

<sup>9</sup> SZPICZKOWSKI, Ana. Januz Korczac: construindo um mundo melhor. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Vol. 1, nº 1, Outubro de 2007, ISSN 1982-3053. <<http://www.ufmg.br/nej/am/modules/content/index.php?id=10>>. Consultado em 27/01/2019.

<sup>10</sup> Idem.

de Treblinka ou mesmo assassinados em Varsóvia, e este acontecimento constitui-se como um dos momentos de maior tensão no filme.

O gueto de Varsóvia abarcava, no princípio de 1942, meio milhão de pessoas, desalojadas dos bairros da cidade e de pequenos guetos no interior do país, isoladas em um exíguo perímetro urbano e nele submetidas a pavorosas condições de vida. Em abril de 1943, os remanescentes reduziam-se, talvez, a trinta mil.<sup>11</sup>

Além de ocorrer uma resistência armada, a saber, o levante do gueto de Varsóvia, existiram também movimentos juvenis judeus que conseguiram organizar várias instituições no gueto para tentar ajudar os habitantes. O *Junderati*, conselhos judaicos criados pelos nazistas, eram também responsáveis pelos hospitais e orfanatos que operavam no gueto.<sup>12</sup> Um destes orfanatos, liderado pelo pediatra e autor Januz Korczac, era organizado segundo modelos democráticos, denominado “República das Crianças”. Andrzej Wajda nos oferece no filme em questão representações do cotidiano dos judeus nos momentos cruciais desta passagem histórica, retratando com dramaticidade o confinamento, a sobrevivência e os assassinatos no interior do gueto, assim como a expulsão para os campos de extermínio.

### **Cinema polonês, Andrzej Wajda e “As 200 crianças do Doutor Korczac”**

A II Guerra Mundial não destruiu apenas os locais onde se fazia cinema na Polônia, mas matou também atores, atrizes, técnicos e cineastas. Para superar esta situação, foi fundada a Escola de Cinema de Lodz, em 1947. Em dez anos, esta escola progrediu de maneira extraordinária, tendo como alunos, entre outros, Andrzej Wajda. Após a guerra, a indústria cinematográfica polonesa praticamente não existia, pois tudo fora destruído. A nacionalização do cinema permitiu o estabelecimento de estúdios, laboratórios, fábricas de equipamentos bem como salas de projeção.<sup>13</sup> Alexander Ford, Jerzy Kawalerowicz, Andrzej Munk e Wanda Jakubowska, entre outros, formaram também em 1956 grupos de produção independentes que

<sup>11</sup> SZPICZKOWSKI, Ana. Januz Korczac: construindo um mundo melhor. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Vol. 1, nº 1, Outubro de 2007, ISSN 1982-3053. <<http://www.ufmg.br/nej/am/modules/content/index.php?id=10>>. Consultado em 27/01/2019.

<sup>12</sup> Os *Junderats* foram conselhos judaicos criados pelos Nazistas em toda a Europa ocupada, mas em particular tornados importantes nos guetos da Europa Oriental. Percebe-se que a atuação dos *Junderats* não foi homogênea e que há muita polêmica sobre o tema.

<sup>13</sup> GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema polonês hoje*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962, p. 116-117.

contribuíram muito para a formação de uma nova vaga de cineastas<sup>14</sup>, dos quais entre eles neste trabalho destacamos Andrzej Wajda.

Os temas propostos pelos principais realizadores poloneses abordaram a guerra, os campos de concentração, a insurreição de Varsóvia, o pós-guerra e revelaram em sua perspectiva dramática um afã quase obsessivo de prestar contas com um passado imediato, e, dessa maneira, racionalizar uma série de processos políticos, sociais e morais que tiveram que enfrentar.<sup>15</sup> Influenciado diretamente por estes diretores, Andrzej Wajda também tem sua obra profundamente marcada pelos acontecimentos políticos na Polônia do século XX, como a ocupação nazista, a resistência polonesa e a criação do sindicato solidariedade.

Neste ínterim, o filme “As 200 crianças do Doutor Korczak” ou “Korczak”, realizado em 1990, conta a vida de um médico, pedagogo e escritor que dirige um orfanato para crianças judias na Polônia, um lugar no qual as crianças tinham disciplina, autonomia e também resolviam tudo democraticamente. Isso é comprovado logo nas primeiras cenas quando vemos as crianças brincando livremente em contato com a natureza, ao mesmo tempo em que ex-integrantes do orfanato questionam Korczak sobre a educação que eles tiveram, que não os preparou para enfrentar conflitos e situações fora da instituição. Korczak conta também com a ajuda de Stefa, sua amiga, companheira de trabalho e também pedagoga, que comenta sobre os rumores de uma possível guerra. Korczak ouve e não se desespera, aliás, em nenhum momento do filme percebemos desespero por parte do pedagogo, mesmo colocado à prova várias vezes.

No orfanato ou República de Crianças, todos deveriam estar aptos a assumirem o governo que se figurava em duas instituições: o Parlamento, que se compunha de vinte deputados eleitos entre todos os membros do orfanato, Korczak como presidente honorário e um secretário. Estes escolhiam entre si uma Comissão Legislativa de cinco membros e um vice-presidente para compor o Senado. O Parlamento decidia sobre todas as normas da instituição, que eram regularizadas pela Constituição e o Tribunal que objetivava proteger todo habitante do orfanato e seus direitos, notadamente os mais fracos. Visava também preservar a ordem e a higiene, cuidando dos pertences da propriedade. Priorizava o perdão ao infrator, mas previa o reconhecimento da culpa e a penalidade que graduava da publicidade da infração à expulsão do orfanato. Para chegar a alguma conclusão sobre um caso, o Tribunal valia-se de investigações, interrogatórios e pesquisas. A escolha dos juízes (crianças) era feita por sorteio e o cargo era provisório. Stefa também fazia parte do tribunal, como secretária. Assim as crianças viviam democraticamente respeitando o espaço do próximo.

<sup>14</sup> SADOUL, Georges. *História do cinema mundial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983, p. 453.

<sup>15</sup> ITZCOVICH, Mabel. *Cinema polonês hoje*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962, p.109.

Por conta da ocupação nazista, Doutor Korczak e 200 crianças judias são obrigados a abandonar o orfanato onde viviam e irem habitar uma casa dentro do gueto de Varsóvia sob péssimas condições. É no interior deste gueto que se desenrola a ferrenha luta do Doutor Korczak para tentar manter vivas as crianças, fatos estes ilustrados pelo filme de Wajda.<sup>16</sup> Doutor Korczak no filme não se rende à situação. Com um saco nas costas saiu de porta em porta dos judeus residentes no gueto que tinham condições de ajudar pedindo doações de alimentos e remédios. Um desses judeus querendo ajudá-lo ainda mais, levou-o a uma espécie de clube no qual pessoas se divertiam tentando esquecer o que estava acontecendo no cenário mundial. Apesar de toda discricção do Doutor Korczak, ele aceita a ajuda e, quando sai de lá, é interrogado pelos ex-integrantes do orfanato: “... o senhor não tem dignidade...?” Ao que respondeu sem pestanejar: “Não. Eu tenho 200 crianças.” Tanto em seu diário quanto no filme, notamos por parte do Doutor Korczak uma devoção por vezes até exacerbada pelas crianças.

Ao longo do filme percebemos que as tensões aumentam ao ponto dos amigos mais chegados do Doutor oferecerem documentos falsos para ele e Stefa escaparem da inevitável morte, porém eles não aceitam e persistem até o fim. São obrigados a entrarem num trem com as 200 crianças e com todo o clima tenso, o Doutor não se deixa abrandar e mais uma vez, de cabeça erguida, caminha para a morte como se estivesse indo a um passeio. Esta cena constitui-se como um dos momentos com maior intensidade emocional do filme, justamente porque, inesperadamente, o vagão do trem onde o Doutor Korczak estava com as crianças é solto dos demais, e assim a porta é aberta e surpreendentemente observamos os tripulantes saindo em fuga, rumo a uma floresta, sendo libertos do caminho que os levaria ao campo de concentração de Treblinka.

O curioso é que não há registros em parte alguma de que esta fuga tenha acontecido. O mais correto seria afirmar que de fato ela não aconteceu, o que caracterizaria um arranjo do diretor, uma vontade sua potencializada pela capacidade do cinema em lidar com os sonhos. Pelo cinema, podemos ver a fuga que não aconteceu liderada pela câmera de um diretor.

---

<sup>16</sup> As crianças foram especialmente vulneráveis durante a época do Holocausto. Os nazistas defendiam o assassinato de crianças de grupos “indesejáveis” ou “perigosos”, de acordo com a sua visão ideológica, tanto como parte da “luta racial” quanto como medidas de segurança preventiva. Os alemães e seus colaboradores matavam crianças por estas duas razões e também como retaliação aos ataques, reais ou inventados, dos *partisans*. <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005142&referer=focus>>. Consultado em 27/01/2019.

## Considerações finais

Deste modo, entendemos de acordo com a argumentação de Marcos Napolitano que o cinema de ficção tem sido uma das principais linguagens artísticas de representação do passado, uma vez que “episódios e personagens reais da história são encenados em roteiros ficcionais, muitas vezes verossímeis ao pretenderem ser a reconstituição mais fiel possível do passado.”<sup>17</sup>

Mesmo sendo sempre representação que sempre traz as motivações ideológicas de seus realizadores, e mesmo ciente do processo de monumentalização do passado que determinados filmes podem demonstrar, ainda assim, acreditamos que no caso de “As 200 crianças do Doutor Korczac” Andrzej Wajda nos aponta uma representação com proposta realista dos acontecimentos políticos acerca da Shoah, excetuando-se a última cena, a fuga, onde o diretor procura fazer uso do fantástico para talvez ressaltar com maior dramaticidade o sonho dos judeus confinados no gueto de se escapar da “solução final” nazista.

Assim sendo, o filme de Wajda contribui como representação de um momento específico e dramático da história, sobretudo no que se refere as possibilidades de múltiplos olhares sobre política e religião na Polônia de meados do século XX, o que nos permite reflexões acerca da barbárie a que foi submetida à população judaica sob a ocupação nazista durante a II Guerra Mundial.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D’Assunção; NÓVOA, Jorge (org.). *Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema*. 2 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. De Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

---

<sup>17</sup> NAPOLITANO, Marcos. A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: uma análise comparada de *Amistad* e *Danton*. In: In: CAPELATO, Maria Helena, MORETTIN, Eduardo, NAPOLITANO, Marcos, SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo, Alameda, 2007.

- 
- CASTRO, Nilo André Piana de (coord.). *Cinema e Segunda Guerra*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1999.
- FERREIRA, Letícia Schneider. Cinema como fonte da história: elementos para discussão. *MÉTIS: História & Cultura*, v. 8, n. 15, p. 185-200, jan./jun. 2009.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- FURHAMMAR, Leif e ISAKSSON, Folke. *Cinema e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema polonês hoje*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.
- ITZCOVICH, Mabel. *Cinema polonês hoje*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.
- KEHL, Maria Rita. “Cinema e Imaginário”. In: XAVIER, Ismael. (org). *O Cinema no século*. Rio de Janeiro, Imago. 1996.
- KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.
- LAGNY, Michele. O cinema como fonte da história. In: NÓVOA, Jorge, FRESATO, Soleni Biscouto, FEIGELSON, Kristian (Orgs.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a História*. Salvador: EdUFBA; São Paulo: Ed. UNESP, 2009, p.99-131.
- LEITE, Sidney Ferreira. *O cinema manipula a realidade?* São Paulo: Paulus, 2003.
- LEUTRAT, Jean-Louis. Uma relação de diversos andares: cinema e história. Tradução de Rubens Machado. *Imagens*, Campinas-SP, n. 05, p. 28-33, ago. /dez. 1995.
- MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 2006.
- MIGUEL, Alcibiades Diniz. Visões do Inferno Histórico: a “trilogia da guerra de Wajda”. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Vol. 1, nº 1, Outubro de 2007.
- MEIRELLES, William Reis. História das imagens: uma abordagem de múltiplas facetas. *Revista Pós-História*. UNESP. Assis, n. 03, p. 93-103, 1995.
- NAZARIO, Luiz. As narrativas pioneiras do Holocausto. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. 2008.
- NAPOLITANO, Marcos. A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: uma análise comparada de *Amistad* e *Danton*. In: CAPELATO, Maria Helena, MORETTIN,

- 
- Eduardo, NAPOLITANO, Marcos, SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo, Alameda, 2007.
- REMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). *Questões para a história do tempo presente*. Bauru: Edusc, 1999.
- ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas da História no cinema, as marcas do cinema na História. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 12, p. 118-128, dez. 1999.
- SADOUL, Georges. *História do cinema mundial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- SZPICZKOWSKI, Ana. Januz Korczac: construindo um mundo melhor. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Vol. 1, nº 1, Outubro de 2007.
- VALIM, Alexandre Busko. Os gêneros cinematográficos nas relações entre o cinema e História. In: Olhares sobre narrativas visuais. GAWRYSZEWSKI, Alberto (org). *Olhares sobre narrativas visuais*. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2012, pp.1-16.
- VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1993.